

São Paulo acaba com a festa do Atlético-MG

BELO HORIZONTE (De Gilson Vieira) — O São Paulo é o campeão nacional de 77, após vencer o Atlético MG, ontem, no Mineirão, na cobrança de penalte, por 3x2. Nos 120 minutos decisivos de jogo, 90 regulamentares e 30 prorrogação, o placar não foi movimentado, mas houve grandiosos momentos de emoção e show futebolístico, numa demonstração bem clara do equilíbrio de forças dos dois finalistas do Campeonato Nacional.

A decisão do título, como mandava o regulamento, foi realizada por penaltis, na seguinte sequência: 1) Getúlio cobrou no canto esquerdo e João Leite defendeu; 2) Toninho Cerezo desperdiçou a primeira cobrança do "Galo", arremessando por cima; 3) Chicão desperdiçou o segundo para os paulistas, com sensacional defesa de João Leite; 4) Ziza acertou o primeiro para o Galo; 5) Perez marca para o São Paulo; 6) Alves acertou de pé direito; 7) Antenor acertou para os tricolores; 8) Joãozinho Paulista cobra por fora. Tudo igual: dois perdidos pelos mineiros e dois pelos paulistas; 9) Bezerra cobra e marca; 10) Márcio joga por fora e perde. São Paulo, campeão brasileiro. O Atlético, apesar de terminar a campanha invicto, é o vice. Um grande silêncio dominou o Mineirão. 2.500 bandeirantes fizeram o carnaval nas Alterosas.

O São Paulo foi campeão com Valdir Perez, Getúlio, Teófilo, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Perez, aos 28 do segundo tempo regulamentar), Dario Pereira; Viana (Neca, aos 40 do segundo tempo), Mirandinha e Zé Sérgio. Atlético-MG — João Leite; Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo e Angelo; Serginho, Marcelo (Paulo Isidoro, aos 20 do segundo tempo), Caio (Joãozinho Paulista, no intervalo) e Ziza. O juiz foi Arnaldo Cesar Coelho, auxiliado por José Roberto Wright e Valquir Pimentel.

A arrecadação do Mineirão bateu novo recorde sul-americano: Cr\$ 6.857.080,00 para um público pagante de 102.974 pessoas. Cartões amarelos para Angelo, Bezerra, Serginho e Neca. Anormalidade: o jogo começou com 28 minutos de atraso e foi disputado em tempo limpo, apesar das chuvas que o antecederam.

EQUILIBRIO

O primeiro tempo de jogo foi considerado equilibradíssimo. Os mineiros não puderam utilizar o estilo rápido e veloz de jogo que marcou a personalidade do time de Barbatana, no Certame Nacional, devido ao sistema de marcação empregado por Rubens Minelli. Os paulistas não deram espaço para os mineiros jogar, marcando em cima, homem-a-homem e sob pressão, bloqueando as iniciativas na meia-cancha, com Chicão exercendo severa vigilância em cima de Toninho Cerezo. Essa rigorosa marcação dos tricolores foi suficiente para parar o "Galo" na primeira fase e a luta ficou bem equilibrada.

Somente aos 12 minutos surgiria a primeira investida perigosa, por iniciativa do São Paulo, com chutes de Serginho e Teodoro, de fora de área. rebote da zaga, sem participação do goleiro atleticano. A seguir, num contra-golpe, uma bola longa era soltada para Ziza, e Valdir Perez teve que desviar a bola com a mão, fora de área, cometendo falta perigosa. Aos 15 minutos, a primeira grande defesa de João Leite, numa cobrança de falta por meio de Bezerra. Aos 21, um ataque perigoso dos Paulistas, Zé Sérgio ganha uma bola dividida com Valdemir, bate Vantuir e dá no miolo de área. Viana pula e, com a cabeça, coloca no canto direito da meta de João Leite, obrigando-o a uma sensacional defesa. Aos 26 minutos, vinha a resposta: o Atlético obriga Valdir Perez a praticar grande defesa. Com Ziza cruzando a bola nas costas do arqueiro e Serginho na espera.

A primeira fase, cheia de grandes lances, apresentou boas defesas dos goleiros em bolas paradas, pois as jogadas eram realizadas todas na meia-cancha.

AGRESSIVIDADE

A segunda fase da partida decisiva foi marcada pelo espírito agressivo demonstrado pelas duas equipes que vieram decididas a resolver a questão. A entrada de Joãozinho Paulista, no intervalo, atendeu aos objetivos, com melhor coordenação de jogadas da meia-cancha para o ataque do "Galo", coisa que, mais tarde, seria evidenciada ainda mais, com a entrada de Paulo Isidoro. No lugar de Marcelo, aos 20 minutos finais. A disposição ofensiva dos times ficaria demonstrada logo aos três minutos, quando Márcio salvou um gol certo do São Paulo, tirando a bola quase de cima da marca do seu arco, com João Leite batido. O jogo passou a ser mais corrido. Aos 14, o sistema defensivo do Atlético falhou e se não fosse João Leite, que saiu da meta para se antecipar ao chute de Viana, aconteceria a fatalidade. O São Paulo atacava mais: tabela entre Mirandinha e Viana e, outra vez, perigo para os atleticanos.

A primeira penetração na área com bola em movimento só aconteceria aos 21 minutos finais, numa intervenção de Paulo Isidoro, que passou entre os dois zagueiros paulistas, encheu o pé, Valdir Perez defendeu, com rebote e recuperou-se no momento exato em que Joãozinho Paulista ia emendar a sobre de bola. Era o "Galo" que reagia e passava ao ataque com mais disposição, lembrando seus melhores momentos. Aos 22 Teodoro salvou de cabeça a entrada de uma bola natua meta, com o goleiro paulista batido. Aconteceu, então, um verdadeiro sufoco dos mineiros à meta do São Paulo. Perez entrou no time paulista, aos 28 finais, para reforçar a meia-cancha que já estava necessitando de "gás", com Teodoro cansado. Ele ficou encarregado de dar marcação a Paulo Isidoro, que fez com eficiência, diminuindo o fogo do adversário. Aos 32 minutos, Mirandinha perdeu uma grande chance de marcar chutando por fora uma bola que lhe foi entregue por Zé Sérgio. Aos 34, Valdemir chuta de fora de área, com perigo, e Valdir Perez manda a escanteio. Aos 38 minutos, a torcida queria um penalti em Serginho, após um choque casual dele com Bezerra dentro da pequena área paulista. Neca entrou aos 40 minutos, mas não resolveu nada. Os paulistas prendiam a bola, nessa altura, provocando uma prorrogação. Mesmo assim, a última chance foi do São Paulo, num tiro de Zé Sérgio, de fora de área e João Leite mandando a escanteio. Depois disso, um sufoco à meta atleticana, com sua defesa passando maus momentos e aliviando tudo com rebotes e chutes.

PRORROGAÇÃO

Com o 0 x 0 do tempo regulamentar, uma prorrogação de 30 minutos. Os 15 instantes iniciais foram marcados por uma grande pressão dos mineiros, que pareciam mais condicionados fisicamente. Logo no primeiro minuto, chute de Angelo, defesa excelente de Valdir Perez. Aos cinco, Joãozinho Paulista penetra, para Valdir Perez sair e tirar a bola dos seus pés antes que chutasse. Aos 10, de novo Joãozinho Paulista e outra difícil defesa do arqueiro paulista. Aos 15, novamente Valdir Perez faz outra boa defesa num quase-gol de Serginho, que aproveitou um rebote de um chute anterior de Serginho.

O segundo tempo de prorrogação foi caracterizado pelo cansaço demonstrado pelas duas equipes. O São Paulo parecia desejoso de ir à cobrança de penalidade máxima, pois prendeu a bola o tempo todo, atrasando as jogadas e fazendo certa técnica. Não houve um lance de ataque que merecesse destaque.

Como se percebe, o jogo decisivo do Mineirão foi cheio de grandes lances, rico em categoria técnica de ambos os lados. O placar em branco nos 120 minutos, fez justiça aos dois times. O título seria decidido nos penaltis.

Na cobrança das penalidades, os paulistas começaram errando com Getúlio e Chicão perdendo as cobranças. Toninho Cerezo iniciou mal. Porém, Ziza marcou o segundo, Alves o terceiro. Mas, Joãozinho Paulista perdeu e empatou tudo outra vez, pois Perez e Antenor tinham marcado para o São Paulo. Foi a vez de Bezerra acertar. Mas, Márcio foi infeliz e perdeu a última chance, dando o título ao São Paulo. Os atleticanos foram piores do que os paulistas na cobrança de penaltis. Pareciam cansados e desorientados.



Decepção da torcida mineira

BELO HORIZONTE (De Gilson Vieira, enviado especial) A massa gritando, cantando, sorrindo e confiante, não admitia que o Atlético sofresse um tropeço diante do São Paulo. Vantuir entra em campo, à frente dos seus companheiros e a euforia da torcida foi bem maior, do tamanho de um povo por seus ídolos.

O colorido da festa foi incomparável com mil bandeiras, mil faixas, milhões de pedaços de papel, tremulando ao ar. Apenas um grito entre mimendo o mineirão. Grito de guerra; "Galo!" O grande dia chegou, e o Brasil e o mundo acompanharam de perto as emoções dessa decisão dramática.

São Paulo campeão brasileiro de 77, o mais digno representante do "país do futebol". Foram cinco meses de árdua disputa, com 62 clubes brigando pelo direito de ser considerado o melhor. Mas apenas duas representações credenciaram-se para tamanha honraria. Os corações batiam mais forte, no ritmo do vibrante jogo.

Foi muita emoção para as 120 mil pessoas que lotaram o Mineirão. No final, prevaleceu a garra fofosa, o talento, e a experiência do São Paulo. Na defesa cautelosa, esperando o momento certo para dar o bote final, tendo como respaldo a experiência do veterano Minelli aliada à sua tradição de ser um grande vencedor.

Não foi à toa que o clube paulista conquistou a Copa Brasil de 77.

lista conquistou a Copa Brasil de 77.

PESADELO

O São Paulo mais experiente e consciente de sua força, foi um inimigo do dia-a-dia dos atleticanos, o causador dos pesadelos da massa, embora ninguém em todo o Estado de Minas Gerais, admitisse derrota do seu digno representante, como contra o Cruzeiro, na decisão do campeonato regional ou como frente ao Uruguaí, na histórica e sempre lembrada decisão da Copa de 50.

O comandante da Juventude e do talento e Barbatana, o cauteloso, e humilde, e "caladão". Ele soube identificar-se com as necessidades, tomando como base o seu modo simples de trabalhar. O Mineirão tremeu com mais de cem mil bocas gritando, milhões de olhos acompanhando o jogo, estava a festa formada. Estava tudo preparado, foi um novo carnaval, nesse chuvoso mês de março.

Antes do clássico, nada tirou o brilho da festa. As autoridades policiais do trânsito e da Ademg, em conjunto armaram gigan tesco esquema de segurança. Já nas primeiras horas de ontem ninguém se entendia aqui, em Belo Horizonte.

A Avenida Afonso Pena servia como uma passarela para o grande desfile, passadas de carros embandeirados, charangas, blocos e as calçadas literalmente tomadas. Os portões do Mineirão foram abertos às 12 horas, e mais de 1.500 torce-

dores vindos do interior e da capital paulistas passaram a noite do sábado para o domingo nas proximidades do estádio Magalhães Pinto para garantir um lugar.

PROVIDÊNCIAS

Os bares e restaurantes da Parapuinha reforçaram os estoques e isso incluiu, em muito, o torcedor, que se deslocou em caravana para a capital. Mas, ontem, às 14h30m, já aqui, na capital mineira, como semidimento, foi empregado o plano "A", aqui, na capital mineira, como sempre acontece nos grandes jogos, com um efetivo de 200 homens. Foram utilizadas 55 viaturas, principalmente motocicletas, patrulhas e rebocadores. Além dos rádios nas patrulhas e motocicletas, funcionou também o sistema de rádio instalado no Mineirão, com um oficial coordenando todas as operações visando a dar maior fluência ao tráfego.

As emissoras de rádio ajudaram na orientação dos torcedores, informando os locais de trânsito mais tranquilos. A coordenação da operação de trânsito encetou campanha, avisando aos torcedores antes da sensacional decisão:

Vá cedo para o Mineirão. Assim você se beneficiará e auxiliará o trânsito. Não abuse da velocidade para não perder o jogo. As curvas que dão acesso ao mineirão, especialmente na Catalão, são locais onde frequentemente ocorrem acidentes. Portanto, cuidado com elas. Não deixe o seu carro aberto, pois pode ter o dissabor de encontrá-lo saqueado.

brando com o resultado da decisão, mas foi um bom jogo, e melhor não poderia ser.

O treinador do São Paulo na falação no vestiário, disse que estava preparado para tudo, até mesmo uma derrota:

— Numa decisão estamos sujeitos a todo o tipo de imprevistos, resultados e mais algumas coisas. As vezes surge até o problema do melhor não vencer a partida.

A derrota seria uma injustiça para o São Paulo, Minelli?

— Prefiro ficar calado. Estou de cabeça quente. Só sei que as equipes chegaram a final como um prêmio aos melhores. São Paulo e Atlético se equivalem, nenhum é superior ao outro.

Na saída do Mineirão Rubens Minelli procurou fugir da imprensa, para evitar as provocações dos torcedores.

Minelli ganha Copa outra vez

BELO HORIZONTE — Ganhar era uma constante na vida do técnico Minelli. Em 76 ele teve que vencer o Atlético para decidir o título com o Corinthians. Em 77 as dificuldades foram as mesmas, pois o São Paulo pegou uma das chaves mais difíceis e se saiu bem.

Por fim veio a disputa do cetro máximo da temporada com aquele que era considerado o time mais regular do futebol brasileiro. Depois do jogo, Minelli não deixava de demonstrar a sua alegria, ele que dirigiu a sua equipe das cabanas de rádio por estar cumprindo pena de 60 dias imposta pelo STJD da CBD.

— Já estou acostumado aos grandes acontecimentos, e ontem, superamos todas as dificuldades que foram apresentadas. Vim para ser campeão. Para conquistar o título nacional pela quarta vez, e graças a Deus conseguimos.

Sobre o esquema tático que foi adotado pelo São Paulo, Minelli adiantou no vestiário:

— Mandei que o time fosse desenvolvendo a medida que ia estudando o adversário. Vocês viram que não apelamos para a retranca. Apenas tinha o estado do campo pesado como uma vantagem, e tiramos todos os proveitos. O Atlético está de parabéns, e soube valorizar o nosso triunfo.

BOM JOGO

Para o treinador Rubens Minelli, o clássico decisivo de ontem, correspondeu à expectativa. Acrescentou que ninguém poupou esforços na promoção da CBD:

— Chegamos ao resultado final de um trabalho de vários meses, que alegrou o público que compareceu ao Mineirão. E claro que estamos vi-

Paulistas fazem o carnaval

SÃO PAULO — Logo depois que o zagueiro Márcio chutou para fora o último penalte dando o título de campeão brasileiro ao São Paulo, torcedores invadiram as ruas da capital, com muita alegria, rufões e buzinas.

Enquanto muitos concentravam-se na Avenida Paulista, local habitual das comemorações de vitórias pelas torcidas paulistas, outros se encaminhavam, em caravanas, ao

Aeroporto para esperar a chegada da delegação sampaulina.

Minutos depois do início das comemorações, na Avenida Paulista, o DSV já organizava o trânsito, fechando uma das pistas e desviando automóveis e ônibus para as transversais. Enquanto isso, emissoras de rádio e de televisão acionavam esquemas de cobertura da festa. Em menos de meia hora, já vendida

nas bancas e nas ruas a edição do Jornal A Gazeta Esportiva.

Prometendo comemoração semelhante a dos corinthianos na conquista do Campeonato Paulista de 77, que ocupou por três dias as ruas principais da cidade, os sampaulinos, bastante animados, criaram congestionamentos em várias avenidas, enquanto a massa de torcedores a pé, festejava, num carnaval improvisado, com muitas bandeiras.

Tópicos de Belo Horizonte

O árbitro Arnaldo Cesar Coelho só chegou a Belo Horizonte alguns minutos antes da decisão. Ficou deitado, no terminal doméstico do Galeão, devido à falta de teto no Aeroporto do Rio de Janeiro.

O Atlético também ameaçou concordar com a escalção de Reinaldo. Mas os dois clubes não tinham as notícias quanto à anunciada liminar dando efeito suspensivo à punição que Reinaldo e Serginho estão cumprindo.

tratado pela administração do Mineirão, por medida de precaução, porque, no último jogo noturno, no estádio Magalhães Pinto, houve problema na iluminação.

Os presidentes do Atlético e do São Paulo já haviam concordado em que José Roberto Wright seria o mediador do encontro, o que não foi preciso.

A primeira prisão no mineirão ocorreu por volta das 16 horas: José Marina, que estava vendendo ingressos a preço extorsivo, mas foi logo solto, porque apresentou a carteira de cambista do Sindicato dos Cambistas e Espectáculos Esportivos da capital bandeirante.

O governador do Estado de Minas, sr. Aureliano Chaves, chegou ao Mineirão com grande otimismo, afirmando que o Atlético venceria o São Paulo por 3x1, no tempo normal, o que não aconteceu.

O atacante Serginho, do São Paulo, também chegou minutos antes do clássico, num jatinho fretado pelo clube da capital bandeirante por Cr\$ 30 mil. Trocou de roupa, deu a impressão de lá jogar, mas não chegou a entrar em campo.

Um técnico da Phillips foi con-

Dois caminhões abertos, de Corpo de Bombeiros, ficaram no portão principal do Mineirão, para levar o time campeão da Copa Brasil, pela Avenida Antônio Carlos. Este privilégio foi do São Paulo.

Dentro e Fora das 4 linhas

Adonias de MOURA

O castigo dos Deuses se abateu sobre o velho e indomável Atlético Mineiro, o Galo das Alterosas, que embora invicto, viu o título fugir para a equipe do S. Paulo, em que ninguém fazia fé, principalmente os torcedores mineiros, que muitas horas antes da partida festejavam a conquista do título, esquecidos que o futebol é um grande mestre em surpresas desta espécie, e pela qual o próprio clube alvinegro tinha passado recentemente, na decisão do campeonato das Minas Gerais.

Desde os primeiros minutos de jogo que o clube paulista demonstrava melhor capacidade de combate e revelava melhor capacidade tática a partir do bloqueio da sua linha média. Enquanto isso o quadro preparado por Barbatana parecia fora do seu ritmo normal e deixava ver que não era só a ausência de Reinaldo que lhe fazia falta. Paulo Isidoro, no banco, um assistente privilegiado, o único homem capaz de produzir a velocidade de jogo que o alvinegro das Alterosas estava precisando, para sair do estado de perturbação emotiva — talvez motivado pela pressão da torcida em busca do título — mas que era percebida facilmente, pelo descer certo de suas linhas.

Em contraste, o São Paulo, com reduzidos valores individuais, revelava uma disposição de superar todas as dificuldades consciente de que teria que dar mais de si para alcançar o que muitos consideravam impossível: o título de campeão brasileiro de futebol. Apresentando um futebol baseado no excelente porte atlético de sua defesa que não dormia a serviço, apegada entre outras coisas, à nova máxima predominante no futebol atual, que é bola passar e ficar o adversário.

Triturando o rival, mantendo-o distante da sua área, procurando bloquear as peças importantes da equipe, como o controle que Dario Pereira exercia sobre Toninho Cerezo, fim de desarticular as manobras de meio campo dos donos da casa, o São Paulo tirava todas as vantagens possíveis da ausência de Paulo Isidoro e do desfalque de Reinaldo, um jogador fundamental para o sucesso da equipe mineira.

O dedo de Minelli, um técnico que buscou e conseguiu o título de tetracampeão brasileiro, se fazia sentir, inclusive com a deslocação de Zé Sérgio para a ponta direita, buscando o que parece ser o lado negro dos mineiros, que possuem um lateral muito fixo na sua posição. Cacete a partir da linha média, o uso e abuso do corpo-a-corpo, e a busca de uma brecha para penetração, foram as armas que garantiram ao tricolor do Morumbi o direito de terminar a partida regulamentar em igualdade de condições e partir para a prorrogação com a intenção de aguentar o empate e esperar a cobrança das penalidades, onde considerava um privilegiado.

Nem as duas defesas iniciais de João Leite nos primeiros chutes da cobrança foram suficientes para abater a condição moral dos paulistas, que continuaram tentando tudo e foram bem sucedidos. Afinal de contas eles não tinham culpa do Galo não saber sair vencedor dentro de casa.

O Atlético Mineiro tinha revelado deficiências alarmantes na peleja contra o Leão da drina no Mineirão e só venceram graças à presença de Reinaldo. No Paraná, o seu artilheiro, o clube de Belo Horizonte esteve perto de um fracasso total, a partir do momento em que permitiu o empate ao time da ra do Café. Estaria a máquina do Brasileiro abalada com a falta do seu goleador ou estaria entrando em fase de declínio técnico-físico, após ter se mantido por toda uma temporada no topo da montanha?

Era uma pergunta-dúvida que se fazia, foi preciso o jogo decisivo do estádio "Magalhães Pinto", para se chegar à conclusão de que o Galo começou a perder sua capacidade de trituração dos adversários. É um fenômeno comum a todos os grandes quadros, uma queda de produção que se torna alarmante quando se está disputando um título. É preciso não esquecer que o quadro do Atlético Mineiro deve ser avaliado emocionalmente em função da pouca idade da maioria dos seus integrantes.

Entrar em um estádio com um público superior a 100 mil torcedores com a carga emocional de ter de ser campeão a qualquer custo, pode ter abalado os nervos dos atleticanos a ponto de terem ficado perdidos no campo, sem saberem sair de uma situação difícil, para enfrentar um adversário tranqüilo porque estavam certos de que se fossem derrotados o mundo não lhes cairia sobre a cabeça. Então à noite, nenhum daqueles defensores do Galo teve condições de dormir.

Sempre que fechavam os olhos desmontavam o fantasma das camisas brancas que pareciam incontáveis, face à movimentação que ocorria no seu subconsciente. Não é fácil acordar campeão por antecipação e dormir derrotado, desprestigiado, numa triste realidade, porque em nenhum lugar do mundo se aceita a derrota no futebol como um fato normal. Uma realidade negativa sempre há de acompanhar pelos caminhos do amanhã, aqueles que não conseguiram distribuir a faixa de campeões com os dirigentes, os torcedores e a própria crônica especializada da terra.

Não sei se todos sentiram ou perceberam o drama dos pebolistas do Galo para deixar o estádio, lado a lado, braços cruzados, como se fosse aquela a única fórmula capaz de fazê-los sobreviver a barreira da fatalidade.

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO
BIBLIOTECA NACIONAL

EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ